

PENSAR EM TEMPOS SOMBRIOS
ENTREVISTA A VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

THINKING IN DARK TIMES
INTERVIEW WITH VIRIATO SOROMENHO-MARQUES

MARCELA UCHÔA¹
BERNARDO FERRO²

Abstract: In addition to his renowned work in the fields of environmental sciences and international relations, Viriato Soromenho-Marques is a specialist in the history of political philosophy – and, in particular, in the work of Hannah Arendt. In this interview, he tells us about the relevance of Arendt’s views on the relations between nature and culture, the politicization of the scientific and technological domains and the global risks it entails. The interview also addresses the geopolitical transformations of the last years, the recent rise of the far-right, the spread of digital disinformation and the role that philosophers and intellectuals can play in the fight against these phenomena.

Keywords: Interview, Viriato Soromenho-Marques, Hannah Arendt, Political Philosophy.

Resumo: Para além do seu conhecido trabalho nas áreas do ambiente e das relações internacionais, Viriato Soromenho-Marques é um especialista na história da filosofia política – e, em

Resumo: En plus de son travail dans les domaines de l’environnement et des relations internationales, Viriato Soromenho-Marques est un spécialiste de l’histoire de la philosophie politi-

¹ Investigadora na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro integrado do Instituto de Estudos Filosóficos. E-mail: maruchoa@gmail.com. ORCID: 0000-0002-9417-3871.

² Investigador e docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Membro integrado do Instituto de Estudos Filosóficos. E-mail: bernardo.ferro@fl.uc.pt. ORCID: 0000-0003-1161-5476. Este trabalho foi realizado com o apoio de fundos nacionais portugueses no âmbito do projecto 2021.03457.CEECIND da Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., do Ministério da Educação, Ciência e Inovação do Governo de Portugal. DOI: <https://doi.org/10.54499/2021.03457.CEECIND/CP1656/CT0034>.

particular, na obra de Hannah Arendt. Nesta entrevista, fala-nos da actualidade do pensamento da autora sobre as relações entre natureza e cultura, a politização dos domínios científico e tecnológico e os riscos globais que dela decorrem. São também abordadas as transformações geopolíticas dos últimos anos, a recente ascensão da extrema-direita, o crescimento da desinformação digital e o papel que os filósofos e intelectuais podem desempenhar no combate a estes fenómenos.

Palavras-Chave: Entrevista, Viriato Soromenho-Marques, Hannah Arendt, Filosofia Política.

que – et, en particulier, de l’œuvre de Hannah Arendt. Dans cette interview, il nous parle de l’actualité de la pensée de Arendt sur les relations entre nature et culture, la politisation des domaines scientifique et technologique, ainsi que les risques planétaires qui en découlent. L’interview aborde aussi les transformations géopolitiques des dernières années, l’ascension de l’extrême droite, la montée de la désinformation numérique et le rôle que les philosophes et les intellectuels peuvent jouer dans la lutte contre ces phénomènes.

Mots-Clés: Interview, Viriato Soromenho-Marques, Hannah Arendt, Philosophie Politique.

Viriato Soromenho-Marques (n. 1957) é filósofo, professor catedrático aposentado da Universidade de Lisboa, sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia de Marinha, conselheiro especial da Fundação Oceano Azul e presidente da AG da ONG Common Home of Humanity. Está há muito ligado às causas do combate à crise ambiental e climática, da paz com justiça e dos direitos humanos, tanto em Portugal como na Europa e na esfera global. Sobre esses domínios – onde se incluem também estudos sobre estratégia e relações internacionais, federalismo norte-americano e construção europeia – é autor de uma vasta bibliografia, assim como de um diversificado e longo percurso internacional como conferencista. Mais informações: www.viriatosoromenho-marques.com

Marcela Uchôa (MU) e Bernardo Ferro (BF): O quinquagésimo aniversário da morte de Hannah Arendt serviu de mote à realização do colóquio «Pensar em Tempos Sombrios», na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e à publicação do presente *dossier* temático. Uma das suas múltiplas áreas de especialização é, justamente, a obra de Arendt. Como avalia a actualidade do pensamento desta autora?

Viriato Soromenho-Marques (VSM): Julgo que é de uma enorme actualidade. E isso demonstra-se pela capacidade que a filósofa tem de pensar os problemas antes de eles se tornarem publicamente visíveis, e mesmo antes de existir consenso sobre a terminologia necessária para podermos contribuir para que o acordo sobre os conceitos desague na possibilidade de uma

concordância sobre a acção, no sentido rigoroso, acentuadamente político de *action*. Essa característica transforma Arendt, claramente, numa voz clássica do pensamento ocidental.

Nos domínios que tenho trabalhado, identificaria alguns que me parecem particularmente interessantes:

Primeiro. Embora jamais tenha encontrado nos seus textos o recurso a conceitos, então já correntes nos círculos das ciências naturais, como os de «ecologia» e «ambiente», enunciados numa perspectiva de crise (como é patente em autores seus contemporâneos, como Aldo Leopold e Rachel Carson), a verdade é que Arendt vai identificar uma mudança epocal nas relações da Cultura com a Natureza. E isso ocorre com a transformação qualitativa da tecnologia, que passa de ser meramente extractiva para ser criativa. O caso que ela refere directamente como pioneiro é o da tecnologia nuclear que é capaz de criar novos elementos naturais, através dos isótopos radioactivos que se formam tanto nas centrais nucleares como no caso de explosões de armas nucleares (de fissão ou de fusão, como é o caso das bombas de hidrogénio). O poderio humano para criar uma *neonatureza* é hoje hiperbólico, com os OGM (organismos geneticamente modificados), as nanopartículas, a IA, entre outras inovações emergentes;

Segundo. Arendt tem perante essa realidade em formação a clara noção de que se trata de um desafio existencial, apelando (embora com uma consciência crítica que lhe limita uma excessiva esperança) a uma profunda alteração do foco de orientação das pesquisas científicas. Ela escreve sobre a necessidade de uma viragem das ciências (no seu conjunto), mudando da sua multiseccular externalização copernicana (centrada no universo infinito e na pulverização do nosso planeta na poeira do Cosmo), para uma nova e urgente internalização do significado existencial da fragilidade tanto da Terra como da mortal condição humana. Tenho designado esta proposta, em vários ensaios, como sendo o apelo para uma *viragem ptolemaica das ciências*. Arendt antecipa não só a adopção, que só viria a ocorrer no ano 2000, da proposta de Paul Crutzen e E. Stoermer, para identificar uma nova época geológica marcada pelos riscos causados pelo poderio antrópico (o Antropoceno), como, de certa forma, ela constitui uma voz inspiradora da grande coligação das Ciências do Sistema Terrestre, que hoje constituem uma força racional numa comunidade tecnocientífica global, predominantemente capturada pelo capitalismo de catástrofe que parece querer realizar na carne do mundo o pesadelo do niilismo;

Terceiro. Finalmente, as duas dimensões acima apontadas implicam uma mudança na própria auto-interpretação do lugar da humanidade no mundo. A sociedade de risco tecnológico (Ulrich Beck, 1986) em que estamos mergulhados só é possível, segundo Arendt, porque, pela primeira vez na história

humana, a esfera da acção (*action*) domina os outros dois modos de actividade (*labor* e *work*). Isso significa que, hoje, toda a empresa tecnocientífica está dominada, consciente ou inconscientemente, por escolhas políticas (sem análise de risco suficiente). O resultado dessa *politização da ciência* consiste em que as duas características fundamentais da acção política, a «irreversibilidade» (*irreversibility*) e a «imprevisibilidade» (*unpredictability*), se aplicam a toda a empresa científica contemporânea. Contudo, ao contrário do que acontecia antes da mudança ocorrida em meados século XX, desta vez a irreversibilidade não pode ser compensada pelo perdão, nem a imprevisibilidade pela promessa. Uma guerra nuclear, o colapso ambiental e climático, ou uma degeneração da humanidade num mundo dominado pela IA são por definição imperdoáveis.

MU/BF: O conceito de espaço público desempenha um papel importante na obra de Arendt e tem sido mobilizado para reflectir sobre os desafios actuais da democracia. Como pode este conceito ajudar-nos a pensar a digitalização do debate público e o crescimento da desinformação e dos discursos de ódio que lhe estão associados?

VSM: Releio muito o ensaio de Arendt sobre *Truth and Politics* (1967). Estão lá todas as pistas que nos guiam ao modo como a propaganda, disfarçada de comunicação independente e livre, se transformou no maior instrumento de conformismo nas democracias liberais. Já em 1928, Edward Bernays o explicava no seu livro *Propaganda*, mas hoje, com a esfera digital, com a pressão dos algoritmos, temos uma verdadeira manipulação, não só das opiniões, mas das almas... Arendt vinha de uma família judaica de esquerda. Ela, como escreve no *On Revolution* (1963), escutara aos mais velhos as esperanças dos conselhos revolucionários que semearam as cidades alemãs entre 1918 e 1919, de Munique a Berlim. Conhecia e admirava Rosa Luxemburgo. Por isso, não nos podemos admirar que a democracia televisiva, antecipadora da democracia digital actual, não a entusiasmasse. A democracia exige a possibilidade da prática da cidadania, da discordância, do diálogo, do erro e da sua correcção em registo partilhado. Muitas das páginas de Arendt sobre este assunto, quando identifica uma oligarquia no coração das actuais democracias, fazem recordar a famosa conferência de Benjamin Constant, na Paris de 1819, quando foi lançado um poderoso alerta para o risco mortal das democracias nas sociedades industriais: o de os representantes eleitos acabarem por trocar a confiança neles depositada pelos seus concidadãos pelas prebendas da riqueza. Hoje as democracias representativas, tragicamente, colocaram-se ao serviço dos grandes poderes financeiros nacionais e sobretudo globais. Reformar as democracias é um imperativo ético. Saber se teremos tempo e condições para tal é uma outra questão.

MU/BF: No volume *Men in Dark Times*, os «tempos sombrios» a que Arendt alude referem-se, na maior parte dos casos, à ascensão e consolidação do nazismo e ao horror da 2ª Guerra Mundial. A época actual, marcada pela ascensão da extrema-direita e por um belicismo cada vez mais declarado, tem sido comparada à década de 1930. Quão legítima é esta comparação? E o que é que nos revela sobre o tempo presente?

VSM: É absolutamente legítima. Em ambos os casos o epicentro está nos EUA. Em ambos os casos, as sociedades viram a sua arquitectura económica e social ser sacudida pelos abusos da orgia irrestrita dos defensores da auto-regulação dos mercados (os *Roaring Years* da década de 1920 e o neoliberalismo explosivo após o fim da Guerra Fria). A diferença está na resposta dada à Grande Depressão (1929) e ao colapso do *subprime* (2008). No primeiro caso, os EUA produziram a resposta do New Deal sob a direção do presidente F. D. Roosevelt, que, entre outras coisas, diminuiu fortemente a desigualdade e criou uma severa limitação ao capital financeiro com a legislação bancária de 1933 (que foi desmantelada em 1999, com os efeitos que conhecemos...). No segundo caso, temos uma resposta com Obama, Biden e agora Trump, que vai no sentido oposto. As diferenças entre Democratas e Republicanos nos EUA são superficiais. Ambos os partidos estão ao serviço de sectores diversos da oligarquia capitalista. Importa reparar que com Biden estávamos na rota de uma guerra nuclear com a Rússia, que seria o toque de finados da história como a conhecemos. Com Trump temos um «brutalismo» geopolítico, que aponta para o reforço dos EUA através da pilhagem dos seus vassalos, seja no continente americano, na Europa ou na Ásia. A China está no horizonte, mas Trump sabe que não a pode enfrentar agora.

MU/BF: O regresso de Trump à Casa Branca veio confirmar a redefinição da ordem internacional iniciada no seu primeiro mandato. A sua insistência num discurso nacionalista e na imposição generalizada de tarifas aduaneiras parece apontar para um novo capítulo na história das relações internacionais. Estaremos a assistir ao fim do paradigma neoliberal das últimas décadas, ou apenas a uma nova declinação desse paradigma?

VSM: O liberalismo económico (o antigo e o novo) sempre foi cruel. No século XIX, as «liberdades inglesas» foram alimentadas por dezenas de milhões de mortos causados por decisões do governo de Londres: manter e expandir o monopólio do ópio, fazendo da intoxicação do povo chinês uma fonte de receitas; a destruição da tecelagem artesanal na Índia, para criar um mercado para os têxteis britânicos. O problema com Trump é que a sua agressividade tem limites objectivos, pois os EUA não conseguem competir economicamente com quase ninguém num mercado mundial livre de tarifas,

tal como não conseguem vencer militarmente a Rússia ou a China, pois essa guerra seria uma destruição mútua assegurada. No longo prazo, apesar do servilismo dos dirigentes europeus ou do actual governo nipónico, a verdade é que Trump está a alienar apoios aos EUA, e a aumentar o poder de atracção dos BRICS como proposta de um novo sistema mundial multipolar. Contudo, importa não esquecer que o sonho de Trump de se tornar numa espécie de monarca norte-americano dificilmente passará sem luta. Conclusão? Dito de uma forma rude, o futuro do mundo enfrenta uma corrida entre a possibilidade de uma guerra civil nos EUA e/ou o risco da eclosão de uma guerra nuclear global causada por um erro de cálculo militar de Washington.

MU/BF: Dada a ausência de respostas políticas eficazes para a crise ambiental que enfrentamos, ou para o risco de uma escalada nuclear com consequências imprevisíveis, cabe à sociedade civil organizar-se e fazer ouvir a sua voz. Que papel podem desempenhar os filósofos, os académicos e os cientistas sociais neste processo?

VSM: O grande Kant colocava a Filosofia na bancada esquerda do Parlamento das ciências. Na bancada da oposição, pois o seu dever era o de procurar e enunciar a verdade, tanto quanto esta pode ser atingida pelo conhecimento humano. É claro que a procura da verdade exige por parte do académico a capacidade de reserva e isenção. Temos de nos empenhar como cidadãos, mas não devemos usar na intervenção cidadã a nossa condição de académicos como um argumento de autoridade. Não devemos parodiar o mito do Rei-Filósofo, que Kant bem denunciou. Não podemos nem devemos partir para a busca da verdade condicionados totalmente pelas nossas convicções e preferências. Pelo contrário, a verdade factual, na representação possível que dela conseguimos, é que deve (in)validar a fortaleza ou a fragilidade das nossas convicções de partida. Julgo que deveria ser esse o papel de todos aqueles se dedicam ao conhecimento como actividade profissional. Quando um académico cala aquilo que considera ser a verdade objectiva, está a trair-se a si próprio. Infelizmente, hoje muitos académicos estão avençados a interesses instalados... E para que precisamos da verdade? Porque sem a verdade perdemos um instrumento vital de navegação no mar do tempo e do espaço. Se trocarmos a verdade factual pela mentira estamos a colocar a nossa vida e a vida da humanidade em risco. Terminemos com Hannah Arendt:

*In other words, the result of a consistent and total substitution of lies for factual truth is not that lies will now be accepted as truth, and the truth be defamed as lies, but that the sense by which we take our bearings in the real world – and the category of truth vs. falsehood is among the mental mens to this end – is being destroyed.
(Truth and Politics)*